

**AS PONTES DA COMUNICAÇÃO NO CAMINHO PARA UMA SOCIEDADE
IGUALITÁRIA:
UM COMPARATIVO ENTRE O DISCURSO TEATRAL FEMINISTA E O
NOTICIÁRIO SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL¹**

**THE BRIDGES OF COMMUNICATION ON THE PATH TO AN EGALITARIAN SOCIETY:
A COMPARISON BETWEEN FEMINIST THEATER DISCOURSE AND THE NEWS ABOUT
GENDER INEQUALITY IN BRAZIL**

Paula Garcia²

Resumo

Este artigo tem por objetivo verificar se os discursos sobre igualdade de gênero de três companhias autorais de teatro feministas brasileiras, em diferentes regiões geoeconômicas, e os enunciados dos portais de notícias mais populares, nas mesmas localidades, em março de 2023, quando se comemora o Dia Internacional da Mulher, estão em concordância ou dissonância. A hipótese de que a memória social, constituída pelas estratégias do poder dominante, da memória oficial e a da memória popular de grupos subalternos (PERALTA, 2007) permeia os diferentes corpus é confirmada nos resultados, uma vez que apontam a luta pela defesa dos direitos das mulheres.

Palavras-chave: Comunicação. Coletivos de teatro feminista. Portais de Notícias. Memória. Discurso.

Abstract

This article aims to verify whether the speeches on gender equality from three Brazilian feminist theater companies, in different geoeconomic regions, and the statements from the most popular news portals, in the same locations, in March 2023, when the International Women's Day, are in agreement or dissonance. The hypothesis that social memory, constituted by the strategies of dominant power, official memory and popular memory of subordinate groups (PERALTA, 2007) permeates the different corpus is confirmed in the results, as they point to the struggle to defend rights of the women.

Keywords: Communication. Feminist theater collectives. News Portals. Memory. Speech.

Introdução

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Coerções e violências simbólicas, do VIII ComCult, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² Mestre e Doutoranda em Comunicação e Cultura Midiática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, com bolsa PROSUP/CAPES. E-mail: contatopaulagarcia@yahoo.com

Em março de 2023, o secretário geral das Nações Unidas declarou que a igualdade de gênero ainda levará 300 anos para acontecer no mundo, nos levando a refletir sobre o árduo caminho que ainda temos a percorrer na construção de uma sociedade mais igualitária.

Partindo do pensamento de Norval Baitello Junior (2011), onde a comunicação pode ser entendida como uma ponte que nos conecta com o outro, e identificando a arte teatral e a imprensa tradicional como duas delas, o estudo apresentado visa compreender como as mulheres que trabalham com teatro se enxergam dentro da sociedade, lidam com os comportamentos herdados do patriarcado e comunicam seus pensamentos e sentimentos com a plateia, em comparação com a abordagem da mídia sobre os temas “feminismo” e “desigualdade de gênero”. Levaremos em consideração a perspectiva teórica da qual a

memória social não pode ser apenas o resultado de estratégias do poder dominante, enfatizando a relação entre a memória oficial e a memória popular de grupos subalternos, tomando por base a noção de “contra-memória” de Foucault e o trabalho desenvolvido pelo *Popular Memory Group*. (PERALTA, 2007, p. 4).

O corpus da nossa pesquisa segue a divisão das Regiões Geoeconômicas do Brasil, e apresenta as ideias principais dos textos autorais de três companhias de teatro feministas: “Entre Nós: buzinas, chicotes e ácidos”, do *Arremate de Teatro* (Nordeste), “Marias do Rio”, das *Mulheres Marajoaras em Cena* (Amazônia) e “Lugar de Escuta”, da *Rede artística M.O.T.I.M - Mulheres Organizadas por um Teatro em Infinito Movimento* (Centro-Sul). Já os portais de notícias utilizados na comparação dos discursos são os regionais mais populares nas capitais de origem dos coletivos, de acordo com o site Guia Mídia: *O Povo e Diário do Nordeste* (Fortaleza), *Diário do Pará* e *O Liberal* (Belém) e *Folha de São Paulo e Estadão* (São Paulo).

A princípio a análise seria das notícias publicadas nos últimos dez anos, período que compreende a criação e desenvolvimento dos textos igualmente analisados, entretanto, durante o recorte das notícias para análise, houve uma discrepância muito grande quanto ao número de notícias publicadas sobre os temas em São Paulo, além de nem todos os veículos disponibilizarem este período de tempo no histórico *on-line*. Logo, para conseguirmos uma melhor comparação dos discursos, utilizaremos as mesmas palavras-chave, porém buscando as

publicações do mês de março de 2023, quando notícias com este conteúdo ganham mais relevância por conta do Dia Internacional da Mulher.

A discussão nos palcos

O coletivo *Arremate de Teatro* é formado por mulheres artistas da cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará, e seu texto “Entre Nós: buzinas, chicotes e ácidos”, como o próprio título já apresenta, retrata as mulheres em uma sociedade caótica. As personagens desabafam com o público seus incômodos cotidianos:

Paty: Constatação infalível: toda e qualquer mulher a partir do dia que nascer está terminantemente condenada a:

Elayne: A ser uma eterna escrava do lar. Isso inclui lavar, passar, cuidar dos filhos, do cachorro e esperar limpa e cheirosa o marido chegar do trabalho.

Edla: A ter que ouvir do excelentíssimo juiz que qualquer homem pode ejacular no meu corpo nos transportes públicos e não ser considerado estupro.

Paty: Ser pressionada ao uso de “desinfetantes íntimos”, pra livrar o macho alfa da catinga de bacalhau!

Elaine: PEC 181/15- Ver que 18 homens engravatados tem o poder de decisão sobre a criminalização do aborto até em caso de estupro.

Edla: Ser cruelmente agredida na frente de câmeras de segurança. Gritar por socorro aos meus vizinhos. Ser estrangulada e ter meu corpo jogado do 4º andar e ninguém aparecer para salvar a minha vida.

Paty: Nunca reivindicar os problemas conjugais no final do expediente.

Mariana: Não reclamar da compulsão marital por desorganização domiciliar.

Mariana: Ser negra militante a favor dos direitos humanos, ser covardemente assassinada e depois ainda ter que provar a minha inocência.

Paty: Não importa o talento nem a profissão, nem o que você é, o importante é permanecer:

TODAS: Linda, calada e submissa! (MAIA *et al.*, 2017, s/p).

O primeiro ato da narrativa mostra como as personagens estão frustradas com as suas relações amorosas, e como esta situação gera insatisfação constante em suas vidas:

– Passei 20 anos da minha vida casada, mas nos primeiros 2 anos já sabia que não ia muito longe. - Valéria;

– Resumindo, meu primeiro relacionamento foi um fracasso. - Rosalita; (MAIA *et al.*, 2017, s/p).

Já o segundo e último ato da peça resgata o modo de criação das meninas, que acabaram se transformando nessas mulheres frustradas, muitas vezes por terem seus comportamentos

“moldados” pela perpetuação do modelo patriarcal e nunca correspondendo às expectativas de terceiros.

Não vai ter quem te queira! Você fala demais, Helena! Você é muito atirada! Tem que aprender a cozinhar! Tem que limpar a casa direito! Tem que casar de branco! Se dê ao respeito! Vê se te senta de pernas fechadas, menina! Tu não para em casa! Parece um cabra macho! Você tá parecendo uma puta! Você tá parecendo uma freira! Você tá parecendo uma velha! (MAIA *et al.*, 2017, s/p).

O final da história também critica um dos resultados desta pressão social, que é a criação de padrões de relacionamentos abusivos que acabam sendo “normalizados” e passando de geração em geração. “O desgosto é todo meu, por ver que minha fia arranhou pra marido, um cabra do mesmo quilate do pai.” (MAIA *et al.*, 2017, s/p). Tal repetição de padrões de comportamento pode ser associada ao pensamento de Maurice Halbwachs, um dos primeiros teóricos a pensar a memória coletiva:

No mais, fora das gravuras e dos livros, na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, e que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidas por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente. Mas, basta que a atenção se volte para esse lado para que nos apercebamos que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar. (1990, p. 68)

O próximo texto analisado, “Marias do Rio”, é a primeira narrativa do coletivo *Mulheres Marajoaras Em Cena (MMEC)*, nascido em Breves, município do Pará, dentro de um projeto de extensão da Universidade Federal do Pará (UFPA). O MMEC possui dramaturgia autoral e busca reproduzir o Marajó, retratando a opressão das mulheres ribeirinhas.

A peça musicada se divide em três atos e o primeiro acontecimento é sobre uma briga conjugal. Uma personagem tenta alarmar os demais sobre o choro de uma mulher durante uma discussão, mas escuta de um dos vizinhos que: “Em briga de marido e mulher, ninguém e eu, (ênfatisa o eu) eu não meto a colher” (JOB, 2021, p. 19). Na sequência, o mesmo vizinho justifica sua fala alegando ignorância sobre o assunto e, “ao ignorar estes movimentos, ele escolhe continuar a ser tanto opressor como oprimido (...)” (HOOKS, 2019, p. 58).

O segundo ato narra diferentes histórias de relações abusivas e exploração infantil, até o momento em que protagonista da peça se revolta contra tudo o que está ouvindo sobre aquele cotidiano:

Visitante (sem entender) – Então, mas então, é só isso? É sobre morte, abusos, sofrimentos e mais morte. É só disso? É sobre a minha morte e a dessas mulheres já desprovidas de vida? E, além disso, é só sobre não amar? Não casar? Viver com desconfiança? É sobre não ter esperança? (exigindo) Responda, que droga! Seja qual for a verdade, não me esconda!
(JOB, 2021, p. 49)

Assim como a peça “Entre Nós: buzinas, chicotes e ácidos”, “Marias do Rio” termina narrando, em forma de canção, as transformações de meninas em mulheres, as mudanças no corpo, seus medos, a pressão social sobre seus comportamentos, mas sem perder a esperança de um futuro de paz.

(...) E assim eu fui crescendo, me escondendo, me moldando
Me moldando e me tornando até
O que o passado me ensinava e que era assim:
Que meu nome era Maria e que errada eu seria
Se eu não pensasse, enfim, assim, pensasse afim...
(...)
Mas ainda há pouco, eu senti, eu vi, eu percebi
Um novo tempo vai pipocar, como pipoca a pocar,
Livre, solta no ar.
Crianças, flor no cabelo, nada temiam, de tudo riam. (...)
(JOB, 2021, p. 54)

O último texto analisado é o “Lugar de Escuta”, da rede artística paulistana *M.O.T.I.M – Mulheres Organizadas por um Teatro em Infinito Movimento*, “projeto de arte feminista feito por artistas feministas em busca de si mesmas” (TOLENTINO *et al.*, 2019, p. 9). A sinopse apresenta a narrativa como um “panorama sobre as infinitas questões e percalços que ser mulher e feminista nos dias de hoje representa, sem deixar de falar das delícias (...)” (TOLENTINO *et al.*, 2019, s/p).

As 22 cenas do espetáculo correspondem a cada um dos arcanos maiores do tarô, apresentados à plateia:

O Louco – introduz a peça, nos apresentando mulheres que marcaram a história, muitas consideradas loucas por lutarem por seus direitos; O Mago – traz uma reflexão sobre o caminho já percorrido e que a luta das nossas antepassadas deve continuar; A Sacerdotisa – fala de forma lúdica sobre a competição feminina; A Imperatriz – tem como tema a maternidade; O Papa – discute os processos de autoconhecimento e indagações da mulher; Os Amantes – nos mostra como os relacionamentos são cíclicos; O Carro – traz a reflexão sobre o preconceito racial, simbolizado pelos cavalos preto e branco da carta, que puxam a carruagem e se seguem por caminhos opostos não sairão do lugar; A Justiça – fala sobre gravidez e todas as dúvidas, incertezas e opiniões alheias que são colocadas na balança das futuras mães; O Eremita – expõe o empoderamento por meio da observação interna; A Roda da Fortuna – discute a gordofobia; A Força – nos mostra o peso que a mulher carrega se mantendo forte, independente de suas dores; O Enforcado – critica os padrões de beleza impostos às mulheres; A Morte – narra um relato de renascimento de uma mulher trans; A Temperança – apresenta a arte como um reflexo da sociedade; O Diabo – faz uma crítica direta a respeito da objetificação da mulher; A Estrela – discute a sexualidade feminina; A Lua – fala sobre o sagrado feminino e de como esse conceito foi apagado pelo patriarcado, continuando com a cena do Sol que fala mais uma vez sobre a objetificação das mulheres; O Julgamento – explica o conceito de sororidade; e O Mundo – cena final, convida a plateia a expressar suas impressões finais.

Além dessas, destacamos as seguintes cenas: A Torre, que conta a história real de um relacionamento abusivo, utilizando na sonoplastia (indicada no próprio texto) uma música que remete aos filmes de princesas da *Disney*.

Eu sempre cresci no meio de muito amor. Meus pais são casados até hoje, e eles sempre foram minha referência. O meu ex-namorado é carioca, surfista, diferente de tudo que eu tava acostumada. Me tratava igual uma rainha, juro, coisa de filme. Fazia declarações de amor o tempo todo, na frente de todo mundo, em cima de palco. Sempre muito intenso. E eu achava esse intenso lindo, superromântico. Eu era louca por ele e só queria saber dele. Ele se mudou para São Paulo e alugou um apê. Aí começou um jogo emocional: EU LARGUEI MINHA FAMÍLIA POR VOCÊ. AGORA VOCÊ TEM QUE LARGAR A SUA! (TOLENTINO *et al.*, 2019, p. 118).

A partir desse momento a atriz narra uma sequência de abusos psicológicos e físicos que, felizmente neste caso, terminaram em um boletim de ocorrência, uma medida protetiva e a esperança de um novo recomeço;

O Imperador traz a discussão sobre como os pensamentos machistas refletem a nossa sociedade, a partir das respostas de uma pesquisa realizadas pelo coletivo com “mais de 70 homens de diversas idades e cidades do Brasil” (TOLENTINO *et al.*, 2019, p. 42).

– Homem não se expõe, homem não dança. Infelizmente ainda tem muita mulher machista que ainda vê o homem sensível como um homem homossexual, que isso é sinal de fragilidade. Eu me sentia muito angustiado. Eu tava no meio de milhões de amigos e me sentia sozinho porque nenhum deles sabia a real que tava acontecendo comigo. (...)

– Inclusive, quando o menino fala que tá com uma namoradinha, todo mundo aplaude, inclusive as mães, inclusive mulheres da família. Se a menina falar que tá com namoradinho, todo mundo já fica bravo, já fica de olho aberto, o pai não gosta. (...) (TOLENTINO *et al.*, 2019, p. 47).

Aqui faremos duas breves observações: A primeira é que a herança do patriarcado está enraizada nos comportamentos de todos, homens e mulheres, como já apontado por Hooks:

Muitas de nós, criadas em lares patriarcais onde os pais preservavam o seu domínio e controlo através do abuso de mulheres e de crianças, sabem que o problema era, muitas vezes, agravado pelo facto de as mulheres também acreditarem que a pessoa que tem o poder tem o direito de utilizar a força para preservar a autoridade. (2019, p. 93)

A segunda é que a culpabilidade sobre um pensamento ou comportamento derivado dessa herança volta a ter um peso maior sobre as mulheres, quando temos a recorrência do argumento de que nós também reproduzimos atitudes machistas.

Após conhecer os discursos e entender como as artistas se enxergam na sociedade, notamos que dois assuntos principais são retratados nas três narrativas, mostrando um incomodo comum dentro dos coletivos sobre a forma como as meninas são criadas: primeiro para terem um comportamento “pacífico” e segundo para se casarem com o sonhado “príncipe encantado”. Essas memórias são tão parecidas porque

(...) os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de

rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. Pela força das circunstâncias pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo, os quais elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição. (PERROT, 1989, p. 15)

Mesmo em regiões distintas de um país com dimensões continentais, as questões levantadas nos mostram uma sociedade em que até hoje perpetua a educação de nossas crianças dentro do sistema patriarcal, impedindo a expressão livre de meninas e mulheres, sem o medo dos julgamentos externos e porque não da própria autorregulação. Também observamos que os discursos “não são indiferentes uns aos outros nem são autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente” (BAKHTIN, 1997, p. 316).

A partir dessa percepção buscamos entender se essa visão também é questionada pela grande mídia.

O feminismo e a desigualdade de gênero na mídia

Pautada por efemérides, a imprensa tende a trazer em seus noticiários mais desdobramentos sobre assuntos “do momento”. No mês de março, com a comemoração do Dia Internacional da Mulher, as palavras-chaves “feminismo” e “desigualdade de gênero” tendem a ganhar mais destaque. Com isso, durante os meses de outubro e novembro de 2023, resgatamos o histórico do mês de março de 2023 dos periódicos O Povo (<https://www.opovo.com.br/>), Diário do Nordeste (<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/>), Diário do Pará (<https://diariodopara.dol.com.br/>), O Liberal (<https://www.oliberal.com/>), Estadão (<https://www.estadao.com.br/>) e Folha de S. Paulo (<https://www.folha.uol.com.br/>), chegando aos seguintes dados:

Localidade	Jornal <i>On-line</i>	Número de publicações para a palavra-chave: Feminismo	Número de publicações para a palavra-chave: Desigualdade de Gênero
Fortaleza/CE	O Povo	2	18
	Diário do Nordeste	0	2
São Paulo/SP	Folha de São Paulo	32	18
	Estadão	62	25

Belém/PA	Diário do Pará	0	5
	O Liberal	0	0

Tabela 1: Notícias relacionadas ao Feminismo e à Desigualdade de Gênero publicadas no mês de março de 2023. Fonte: Autora

Para entender a representatividade desses números no noticiário, realizamos um cálculo do percentual de notícias consideradas na Tabela 1 em relação à quantidade total de matérias publicadas no período analisado:

Localidade	Jornal <i>On-line</i>	Total de matérias publicadas em março/2023	Percentual de publicações relacionadas ao Feminismo e à Desigualdade de Gênero
Fortaleza/CE	O Povo	7.000	0,29%
	Diário do Nordeste	2.740	0,07%
São Paulo/SP	Folha de São Paulo	6.670	0,74%
	Estadão	6.036	1,44%
Belém/PA	Diário do Pará	1.415	0,35%
	O Liberal	2.220	0%

Tabela 2: Percentual de notícias relacionadas ao Feminismo e à Desigualdade de Gênero durante o mês de março de 2023. Fonte: Autora

A explicação dessa oscilação de percentuais, mesmo em jornais da mesma localidade, pode estar implícita na linha editorial de cada um deles, se levarmos em conta que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

O *Estadão*, com o maior número de publicações, traz como terceiro ponto dos seus princípios gerais a garantia “aos *setores minoritários* a manifestação de suas opiniões e condena editorialmente todo estereótipo racial, religioso, étnico e sexual” (ESTADÃO, 2023, grifo nosso). A *Folha* visa “priorizar temas que, por afetarem a vida da coletividade ou de *parcelas expressivas da população*, sejam considerados de interesse público” (FOLHA, 2023, grifo nosso).

Em contrapartida, os jornais *Diário do Pará*, *O Liberal* e *O Povo* têm o mesmo foco na política nacional e o direito à democracia, enquanto o *Diário do Nordeste* objetiva levar para seu público pautas sobre costumes, fé em Deus e vida em sociedade, deixando claro seu viés conservador e religioso, podendo explicar o percentual baixo de publicações se levarmos em consideração que: “Laços complexos de disciplina e de dever, de sociabilidade e de direito, de práticas e de linguagem, as religiões pesaram como uma chapa de chumbo sobre os ombros das mulheres” (PERROT, 2005, p. 309).

Para Peralta (2007, p. 19), “este mapa conceptual determina não apenas o que, em cada momento, deve ser recordado ou deve ser esquecido, como também organiza as experiências individuais, conferindo-lhes uma significação colectiva”, ou seja, cada um dos jornais analisados refletem a realidade após o filtro de seus critérios de noticiabilidade, definido por Mauro Wolf “como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias” (1999, p. 195).

Voltando para a análise das publicações e melhor entendimento dos seus conteúdos, dividimos os assuntos abordados nas matérias selecionadas³ em editorias: Efeméride – tratam da origem da data e as atuais conquistas e reivindicações das mulheres; Cotidiano – abordam as desigualdades de gênero pela perspectiva social; Segurança – abordam qualquer tipo de violência contra a mulher; Economia – com enfoque na desigualdade econômica de gênero; Política – falam sobre as mulheres no cenário legislativo; Saúde – tratam a saúde da mulher; e Arte – mulheres na arte ou obras que abordem temas relacionados ao feminismo.

Palavra-chave: Feminismo	Localidade		
	Jornal <i>On-line</i>		
	Fortaleza/CE	São Paulo/SP	
Assuntos	O Povo	Folha de S. Paulo	Estadão
Efeméride	1	2	3
Cotidiano	-	9	12
Segurança	-	-	1

³ Ficaram de fora da tabulação 48 notícias, pois não tinham como foco principal os assuntos referenciados nas palavras-chaves.

Economia	-	-	2
Política	1	3	9
Saúde	-	-	1
Arte	-	6	8

Tabela 3: Pesquisa por notícias publicadas durante o mês de março de 2023, utilizando como palavra-chave o termo “Feminismo”. Fonte: Autora

Palavra-chave: Desigualdade de Gênero	Localidade				
	Jornal <i>On-line</i>				
	Fortaleza/CE		São Paulo/SP		Belém/PA
Assuntos	O Povo	Diário do Nordeste	Folha de S. Paulo	Estadão	Diário do Pará
Efeméride	-	1	3	4	-
Cotidiano	-	-	3	6	-
Segurança	3	-	2	1	2
Economia	4	1	3	14	2
Política	5	-	2	-	1
Saúde	1	-	-	-	-

Tabela 4: Pesquisa por notícias publicadas durante o mês de março de 2023, utilizando como palavra-chave o termo “Desigualdade de Gênero”.

Com isso, notamos um destaque para assuntos referentes ao Cotidiano, com 30 notícias, Economia, com 26 notícias, e Política, com 21 notícias.

No primeiro caso, as notícias classificadas como “Cotidiano” trazem, em sua grande maioria, uma crítica à propagação pela internet de conteúdos que objetificam e inferiorizam a mulher, por homens autodenominados *red pills*⁴ ou *coaches* de masculinidade, regidos pelo

estado patriarcal e de supremacia branca [que] recorre à família para doutrinar os seus membros com valores que apoiam o controlo hierárquico e o autoritarismo coercivo. Desta forma, o estado está genuinamente empenhado em projetar a ideia de que o movimento feminista irá destruir a vida familiar. (HOOKS, 2019, p.30)

Como exemplo temos uma notícia publicada dia 25 na Folha: “Coaches pregam 'mulher de valor' e uso do capital erótico”. Apesar de notícias com esse conteúdo só aparecerem nos jornais

⁴ Como no filme Matrix, o homem que tomar da “pílula vermelha” enxergará a realidade e descobrirá a tirania do feminismo, a qual deve ser combatida.

de São Paulo, *Estadão* e *Folha de S. Paulo*, o assunto é um incômodo apontado pelos coletivos dos três Estados analisados, já observados nos trechos que destacamos dos textos.

Nesta acepção, a memória individual, ao invés de estar subordinada à acção unificadora da colectividade, revela-se potencialmente como um espaço interpretativo, resistindo frequentemente às convenções estabelecidas e/ou reinventando novas convenções. (PERALTA, 2007, p. 19)

Em “Economia”, os periódicos *O Povo* (CE), *Diário do Pará* (PA) e *Estadão* (SP) deram destaque para o projeto de promoção da igualdade salarial de gênero, assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, enquanto os jornais *O Povo* (CE) e *Folha de S. Paulo* (SP) também destacaram a paridade de gênero nas bancas para concurso de juízes. Nessa questão, infelizmente, notamos uma contínua luta contra a perpetuação de uma desigualdade histórica, defendida pela classe dominante, na qual

o proletariado feminino oferece todas as características do exército industrial de reserva: emprego flutuante, sem qualificação, suas remunerações são inferiores cerca da metade das remunerações dos homens. Para os operários, o salário feminino representa sobretudo um complemento, temporário, em maior ou menor grau. (PERROT, 2005, p. 156)

O Povo (CE), *Folha de S. Paulo* (SP) e *Estadão* (SP) apresentam nos assuntos sobre “Política” casos de desrespeito a mulheres, dentro do cenário político nacional. Como na publicação do periódico Cearense, do dia 29: “Adail Jr. bate boca com vereadora do Psol e manda adversária ficar “no lugar dela”. Lembrando que a luta das mulheres pelo direito à participação política se iniciou com a Primeira Onda do Feminismo no final do século XIX e hoje, quase duzentos anos depois, continua sendo território de conflito.

Mesmo tendo ficado em quinto lugar dentre os assuntos mais citados no noticiário analisado, consideramos também a editoria “Segurança”, por abordar temas constantes em todos os textos dos coletivos analisados e ter publicações nos jornais *O Povo* (CE), *Folha de S. Paulo* (SP), *Estadão* (SP) e *Diário do Pará* (PA). Entre as notícias temos: “Durante 40 anos, homicídios de mulheres foram subnotificados no país”, publicada dia 22 no jornal *O Povo*, e “Um a cada 5 brasileiros admite ter presenciado assédio sexual contra mulher em 2022, aponta pesquisa”,

publicada dia 8 no *Estadão*. Essas narrativas nos fazem concordar com a seguinte análise de Hooks:

Apesar dos anos de empenho árduo, o problema da violência dos homens contra as mulheres cresce continuamente. As ativistas feministas assumem frequentemente que esta violência é diferente de outras formas de violência nesta sociedade, pois está ligada especificamente às políticas do sexismo e da supremacia masculina: o direito dos homens de dominarem as mulheres. (2019, p.92)

Conclusões

No decorrer deste estudo, buscamos compreender a visão das mulheres engajadas no teatro feminista em diferentes regiões do Brasil, analisando as peças "Entre Nós: buzinas, chicotes e ácidos", "Marias do Rio" e "Lugar de Escuta". Por meio dessas produções artísticas, identificamos a persistência de desafios enfrentados por mulheres, relacionados à pressão social, padrões de relacionamentos abusivos e a herança do patriarcado. As narrativas artísticas revelaram a influência marcante dessas experiências na formação das identidades femininas, se tornando

a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 1996, p. 49)

Ao comparar essas expressões artísticas com a cobertura midiática sobre feminismo e desigualdade de gênero em jornais de diferentes regiões, destacamos a complexidade das representações nos meios de comunicação. Observamos variações significativas nos enfoques adotados pelos veículos, evidenciando a influência da linha editorial e da cultura regional na abordagem desses temas, que quando presentes mostram coerência com os discursos dos coletivos.

A análise revelou a presença constante de assuntos relacionados ao cotidiano, à economia e à política, destacando a persistência dos desafios sociais enfrentados pelas mulheres, como também apresentou divergências na intensidade e na abrangência da cobertura. Também é

importante destacar a importância da data oficializada como o Dia Internacional da Mulher, para impulsionar discussões sobre a disparidade entre homens e mulheres.

Em síntese, este artigo oferece uma perspectiva sobre a interseção entre as representações artísticas das mulheres no teatro feminista e a cobertura midiática sobre temas de gênero. As divergências e convergências identificadas ressaltam a necessidade contínua de diálogo e conscientização para promover uma compreensão mais ampla e justa das questões relacionadas às mulheres na sociedade contemporânea, ajudando na construção de sua memória social (PERALTA, 2007).

O teatro e a mídia desempenham papéis fundamentais na construção e na desconstrução de narrativas, destacando a importância de abordagens sensíveis e inclusivas para criar uma sociedade mais equitativa.

Referências

- Baitello Jr., N. (2011, maio). Comunicação Afetiva. *Revista E-Sesc*, 168. Recuperado de https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/5634_COMUNICACAO+AFETIVA
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. (2; M. E. G. Pereira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Compromisso renovado. (2021, fevereiro 27). *Diário do Nordeste*. Recuperado de <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniaio/editoriais/compromisso-renovado-1.3053407>
- Conheça O Povo. (2023, janeiro 26). *O Povo*. Recuperado de <https://www.opovo.com.br/conhecaopovo/>
- Duarte, J. (2023, Março 29). Adail Jr. bate boca com vereadora do Psol e manda adversária ficar “no lugar dela. *O Povo*. Recuperado de <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2023/03/29/adail-jr-bate-boca-com-vereadora-do-psol-e-manda-adversaria-ficar-no-lugar-dela.html>
- Durante 40 anos, homicídios de mulheres foram subnotificados no país. (2023, março 22). *O Povo*. Recuperado de <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2023/03/22/durante-40-anos-homicidios-de-mulheres-foram-subnotificados-no-pais.html>
- Flávio, L. (2022, agosto 22). DIÁRIO DO PARÁ celebra 40 anos de fundação. *DOL – Diário Online*. Recuperado de <https://dol.com.br/especiais/767442/diario-do-para-celebra-40-anos-de-fundacao?d=1>
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. (3; L. F. de Almeida Sampaio, Trad.). São Paulo: Edições Loyola.
- Grupo Estado Código de Conduta e Ética. (n.d.). *Estadão*. Recuperado de <https://www.estadao.com.br/codigo-etica/codigo-de-etica.pdf>

Guia de Mídia Online de Jornais, Revistas Online, Rádios, TVs, Cidades Turísticas Brasil, Guia de Sites Brasileiro. (n.d.). Recuperado de <https://www.guiademidia.com.br/>

Halbwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva*. (2; L. L. Schaffter, Trad.). São Paulo: Vértice.

Hooks, B. (2019). *Teoria Feminista: da margem ao centro*. (R. Patriota, Trad.). São Paulo: Perspectiva.

Job, S. M. (2021). *Marias do Rio*. São Paulo: Scortecci.

Maia, E., Elâni, M., Cristina, E., & Crespí, P. (2017). *Entre Nós: buzinas, chicotes e ácidos*. Fortaleza: Coletivo Arremate de Teatro.

Menon I. (2023, março 25). Coaches pregam “mulher de valor” e uso do capital erótico. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/no-brasil-coaches-pregam-mulher-de-valor-e-uso-do-capital-erotico-de-homens.shtml>

Pannett, R. (2023, março 7). Igualdade de gênero ainda vai levar 300 anos no mundo, estima chefe da ONU. *Estadão*. Recuperado de <https://www.estadao.com.br/brasil/igualdade-de-genero-ainda-vai-levar-300-anos-no-mundo-estima-chefe-da-onu/>

Peralta, E. (2007). Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. *Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória*. 2, 4-23.

Perrot, M. (1989). Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, 9, 18, 9–18.

Perrot, M. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história* (V. Ribeiro, Trad.). Bauru: EDUSC.

Pimentel, D. (2023, novembro 15). Sempre à frente do seu tempo e sempre inovando, O LIBERAL completa 77 anos. *O Liberal*. Recuperado de <https://www.oliberal.com/aniversario/sempre-a-frente-do-seu-tempo-e-sempre-inovando-o-liberal-completa-77-anos-1.747898>

Possati, C. (2023, março 8). Um a cada 5 brasileiros admite ter presenciado assédio sexual contra mulher em 2022, aponta pesquisa. *Estadão*. Recuperado de <https://www.estadao.com.br/brasil/um-a-cada-5-brasileiros-admite-ter-presenciado-assedio-sexual-contra-mulher-em-2022-aponta-pesquisa/>

Princípios editoriais. (2019, março 12). *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/principios-editoriais.shtml>

Tolentino, F., Matos, A., Villar, A. P., Medvedovski, G., Moreira, G., Soares, L., ... Voigt, M. (2019). *Lugar de escuta*. Lisboa/São Paulo: M.O.T.I.M e Chiado Books.

Wolf, M. (1999). *Teorias da comunicação* (5; M. J. V. de Figueiredo, Trad.). Lisboa: Editorial Presença.